

Sofrimento psíquico, trauma e criatividade

Carlos de Almeida Vieira

Freud, em suas considerações a respeito do Trauma, enfatiza que: deve-se considerar *traumáticas quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientes para atravessar o escudo protetor*. Traumático implica uma ruptura, uma vivência que dispara mecanismos defensivos, eu diria, apontando para o surgimento de uma neurose e também provocando uma saída para a saúde, para a sanidade.

Estudando a questão do trauma em Freud e alguns artigos que tentam aprofundar o tema – “*Catástrofe e representação - ensaios e ficções*”, Editora Escuta, 2000, organizado por Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann; e “*O conceito de trauma*”, de Luiz Carlos Menezes - abril de 2005 –, verifiquei que a maioria dos autores não se prendeu à questão que quero enfatizar: a elaboração durante uma situação traumática podendo ser *representada* por uma obra de arte, uma composição musical, enfim, uma elaboração sublimatória.

Esta questão e toda a elaboração implicam, é claro, como Freud nos advertiu das *séries complementares* e W. R. Bion desenvolveu, a capacidade de tolerar a frustração, provocando, desta maneira, no espaço do “*não-seio*”, um pensamento.

A experiência traumática é uma ferida narcísica, uma ameaça à sobrevivência da pessoa humana. Diante do desamparo, síndrome de pânico, sinal de perigo e surgimento de angústia de finitude e mortalidade, o *self* contaria com sua história pessoal, sua estrutura de funcionamento mental, suas memórias e seus recursos defensivos, principalmente suas funções psíquicas (“*Os dois princípios do funcionamento mental*”) para fazer face a este sinal de perigo. É o seu caráter de auto-conservação. Sucumbir numa neurose traumática ou, contando com a passagem do tempo, dar uma representabilidade ao trauma. Ferenczi fala do despreparo no instante do trauma e sublinha que o mesmo acontece quando precedido de um sentimento de estar-seguro. A mudança, a ruptura é catastrófica e o sofrimento psíquico dispara uma saída para a insanidade ou uma reviravolta para meios criativos em que se pode “tirar proveito de um mau negócio” (Bion).

Nesta breve comunicação quero dar ênfase a uma experiência traumática na Guerra, especificamente uma situação vivida pelo compositor francês Olivier Messien num campo de concentração nazista, no verão de 1940. Messien, então soldado francês, é capturado em Góritz, na Silésia. Messien foi contemporâneo do movimento moderno e criou uma obra sobremaneira religiosa,

uma obra instrumental de seqüência de meditações, especialmente *Les corps glorieux* (1939). Sua temática e preocupação referiam-se ao tempo além do espaço, à presença do *eterno no transitório*. Sua teologia é fundamental para a sua música.

Experimentando no campo de concentração sua iminente passagem para a morte, Messien dá um testemunho de alguém que, com sua formação religiosa, sua fé e, creio eu, sua personalidade constantemente elaborando a existência e a transitoriedade nesta vida, consegue criar uma obra nomeada *Quarteto para o Fim dos Tempos*.

Convém lembrar que, em meio à sua angústia de morte iminente, Messien vive uma experiência mística que sintetiza neste relato: “*Eu vi um anjo poderoso descendo do céu, revestido por uma nuvem, com um arco-íris sobre a cabeça. Sua face era como o sol, seus pés como colunas de fogo. Ele colocou seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra e, apoiando-se no mar e na terra, ergueu sua mão para o céu e jurou para Aquele que vive para todo o sempre dizendo. Não haverá mais tempo, mas no dia da trombeta do sétimo anjo (o quarteto tem sete movimentos) o mistério de Deus estará consumado.*” (Paul Griffiths). Messien, imerso neste clima de angústia, começa a compor seu Quarteto para piano, clarinete, violino e violoncelo. Pronta sua obra, sua representabilidade no trauma, Messien encontra no campo os instrumentistas para compor o quarteto. A estréia se dá no próprio campo, em janeiro de 1941. “*Nunca – o compositor recordaria mais tarde – fui ouvido com tamanha atenção e compreensão*”.

O Quarteto é composto de sete movimentos – *A Liturgia de cristal; Vocalise para o Anjo que anuncia o fim dos tempos; Abismos dos pássaros; Interlúdio; Louvação à Eternidade de Jesus; Dança do furor para as sete trombetas*, e, por último, *A desordem de arco-íris*, para o Anjo que anuncia o fim dos tempos. Sua escrita musical revela formas repetitivas, passando pelos mesmos acontecimentos, processos de duração enormes, e por tempos extremamente lentos. Ao mesmo tempo, a simbologia do texto é respondida por uma vivacidade do timbre e do colorido harmônico, e pela força que os quatro instrumentos podem exercer em uníssono rítmico. Sete é o número perfeito, explica Messien, mas aqui o sete prolonga-se na eternidade e torna-se o oito indefectível da luz, da paz inalterável.

Gostaria de mostrar nesse trabalho o solo de clarinete, que é o terceiro movimento do quarteto – *O Abismo dos pássaros*. Lembro que a obra de Messien sempre foi permeada de sons extraídos dos pássaros, animais que chamavam sua atenção por suas melodias tristes e alegres. Nesse movimento o clarinete, instrumento de sopro com uma extensão de três oitavas desde um som grave – o registro *chalumeau* – até o agudíssimo, emana cores, timbres que imitam o canto dos pássaros. Abismo dos pássaros é o símbolo da negação, da extremamente opressiva experiência humana do tempo, que promete apenas a morte; enquanto o cantar de passarinhos, de modo ainda mais comum, é a sua imagem central de alegria espiritual, de participação na eternidade. Aqui o clarinete faz as duas imagens juntas: o abismo em grandes crescendos, com

arpejos que percorrem todos os registros do instrumento e, em melodia lenta, a canção dos pássaros em alegres vôos e profundos sentimentos de tristeza.

A tristeza e o escuro da dor psíquica, a agonia de notas que, num crescendo, vão do grave ao agudíssimo com muita intensidade, os vôos lentos de quedas e subidas anunciam o fim dos tempos, anunciam a experiência do Apocalipse. Messien, dessa maneira, sublima, elabora, converte sua dor em expressão artística, musical, e representa o trauma. A representação do Holocausto transformada numa obra de arte abre uma discussão interessante: o “trauma”, que com isso deixaria de ser um corpo estranho desencadeador da compulsão à repetição, ao ser simbolizado (representado) tem acesso à capacidade associativa (Sérgio Telles). Predominam as pulsões de vida em meio à destrutividade e ao anúncio da morte. A vivência de fim de mundo de Olivier Messien ensina recursos criativos e a importância da Fé, seja no sentido religioso, científico e existencial. Fé que denuncia a presença de um mundo psíquico resultado da introjeção de bons objetos, estrutura mental tolerante à dor e meios funcionais de Ego para dar alternativas criativas, mesmo após a ferida narcísica do Trauma.